

JARDIM DE TERRA E VENTO

Vinde! Vinde! As árvores morreram
As flores murcharam
E as suas cores se fizeram freiras
Na clausura de um convento branco.

Mas terras vermelhas, pretas e amarelas
Terras de argila, de cinza, de húmus e de areias
Ficaram no mundo como flores;
E o vento abre os seus ramos: seus rumos, seus rumores:
Vento verde como o mar contaminado de sal
Vento azul como o céu contaminado de vôo.

Vinde! voai! Navegai no vento!
Vinde visitar os jardins do vento,
Do vento que, às vezes, floresce em vela branca,
Frutifica em aves e em gotas d'água;
Vinde colher seus frutos, suas bagas maduras!

VIN !
DE •

Estava tudo tão vazio!
Tão geral e eterno, tão calmo e perene!
– E, de repente, olhai!
Há rodopios e torvelinhos, turbilhonando.
Aqui cresceu um pé de vento

Um outro mais além e outro mais além de além
Assim formando arvoredos de ventanias.
Uma árvore açoita a barlavento.
Outra aqui frondeja em vazios na pedra.
Uma terceira, como planta trepadeira,
Vai se enamando pelas cercas,
Subindo pelas estacas: colunas de ar;
Levantando do chão papéis caídos, folhas secas:
Com estas vestindo os seus ramos,
Invertendo o outono em nova primavera.

Vinde ver nascer as dunas,
Moitas de areia crescendo até os joelhos,
Sobre um solo de vento constante;
Sentireis como o correr da água do rio
Dentro de um matagal de areia.

Vinde ver como aparece a terra preta
Quando a maré descer;
Podereis pisar a grama macia da lama.

Vinde! vinde ver, neste jardim, o vento
Erguendo árvores de poeira.
Formando com elas bosques/rajadas
Agitando os seus ramos de mínima folhagem!

Vinde ver as árvores de pedra
Que o sopro do vento modula em canteiro
Ondula em duras frondes,
E faz jazer no chão as folhas fraturadas;
Vinde ver, nas praias desertas,
De pés humanos nunca atingidas,

Em linhas sinuosas plantadas pelo vento,
Uma relva macia cortada em líquidos desenhos;
– Curvas traçadas no chão *após-mar* das marés –

Vinde. . . vinde ver o jardim de terra e vento,
Pois é jardim de ver, cheirar, de apalpar e sentir.